



Obra de Eduardo Tarran que integra a mostra; Mário Castello é o outro fotógrafo expositor; imagens estavam no Memorial da América Latina

UNICAMP

Exposição sobre refugiados chega à Biblioteca César Lattes

A exposição fotográfica “Refugiados da Casa de Passagem Terra Nova”, que até recentemente estava no Memorial da América Latina, chega à Biblioteca Central César Lattes, da **Unicamp**. A mostra, trazida pela Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (Cocen), em parceria com a Cátedra Sérgio Vieira de Mello, apresenta 26 painéis em preto e branco com retratos de refugiados congolenses, angolanos, camaronenses, genenses, nigerianos e bissau-guineenses. O evento de inauguração da exposição aconteceu ontem e contou com a presença do reitor da **Unicamp**, **Marcelo Knobel**, e do secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, Floriano Pesaro. As fotos foram tiradas pelos fotógrafos Eduardo Tarran e Mário Castello para retratar as famílias refugiadas na Casa de Passagem Terra Nova. A Casa de Passagem Terra Nova é o primeiro centro de acolhimento social do Estado de São Paulo para solicitantes de refúgio e vítimas de tráfico de pessoas. O local, em atividade desde 2014, já atendeu mais de 400 pessoas, e recebe principalmente famílias com filhos menores de idade e

mulheres grávidas, e é gerenciado pela Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana (CROPH). A Casa de Passagem Terra Nova tem um total de 50 vagas para as famílias, e funciona 24 horas por dia, oferecendo apoio social e psicológico, além de atividades de convivência, pedagógicas e culturais. A casa ainda oferece orientação profissional, oficina de idioma, auxílio para a inclusão produtiva e encaminhamentos para os serviços públicos necessários ao empoderamento e fortalecimento dos vínculos comunitários dos usuários e a garantia de seus direitos. Segundo a pesquisadora da **Unicamp** e coordenadora do Cocen, Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, com a situação atual, onde o mundo está vivendo o maior fluxo migratório desde a Segunda Guerra Mundial, a exposição marca um reconhecimento dessas pessoas. “Com a exposição, é possível trocar olhares, e se familiarizar com aquelas pessoas retratadas ali”, comentou Ana Carolina. A pesquisadora afirma, ainda, que isso muda a visão numérica que se tem dos casos de refugiados. (Beatriz Maineti/Especial para a AAN)